VILA NOVA DE PAIVA
(Vila Nova de Paiva)

Igreja de São Sebastião. Cruz de cobre

A CRUZ PROCESSIONAL de cobre da paróquia de São Sebastião de Vila Nova de Paiva (40 x 35 cm) faz parte de um conjunto relativamente abundante de objetos desta tipologia que lograram chegar aos nossos dias. Distingue-se, no entanto, por ser das raras que subsiste *in loco*, contribuindo para estreitar realidades geográficas e testemunhar, por isso, a importância que o território de Viseu conheceu nestes tempos fundacionais.

Formalmente, obedece à categoria de cruz latina, recortada numa única lâmina de cobre, com vestígios muito pontuais de douradura. Apesar do percurso atribulado no interior da igreja (segundo Correia de Campos foi encontrada no contexto de umas obras de restauro, em novembro de 1949) e da sua longa existência, preserva os dois elementos constitutivos das cruzes medievais de carácter processional: o pé e a cruz propriamente dita. O primeiro é composto por um nó esférico, liso, ligeiramente abatido, preparado a partir de duas meias esferas embutidas e soldadas entre si. Este está unido ao cano cilíndrico, elemento essencial destinado ao encaixe da vara e que permitia o transporte da peça nas procissões. Originalmente, o cano dispunha de decoração entrelaçada semelhante à da cruz, atualmente quase impercetível pelo desgaste do uso, o que reforça a contemporaneidade das duas partes.

A peça obedece ao modelo de cruz pateada, com as extremidades dos braços mais largas, de recorte côncavo e assinaladas com esferas. Estas são encaixadas nas arestas dos braços e, no patíbulo, emergem de um segmento soldado no centro do rebordo. Esta particularidade estilística reporta a uma tradição paleocristã e bizantina, podendo ser encontrada em peças de ourivesaria, mas também em mosaico e pintura mural desde pelo menos o século V. De igual herança altimedieval, as superfícies superiores estão ocupadas por três das representações simbólicas dos evangelistas – a águia de São João na parte superior do estipe, o leão de São Marcos e o touro de São Lucas, respetivamente à esquerda e direita no patíbulo –. À semelhança do que se observa em outras cruzes da mesma tipologia, São Mateus não foi representado, uma vez que o espaço inferior do braço vertical era ocupado pelo elemento que encaixava no nó. As marcas do motivo palmiforme subsistem, mas é visível que este ponto de união das duas partes constitutivas da cruz foi muito mexido, evidenciando abundante soldadura. Como é habitual na iconografia destes seres celestiais, que a tradição patrística associou aos evangelistas canónicos, os três seguram os livros sagrados com uma das patas, a águia e o touro com a esquerda e o leão com a direita. Alados, como é próprio da sua precoce iconografia, simulam algum movimento, mais visível pelos contornos ondulantes das caudas e posição das patas nos corpos do touro e do leão, apesar da tendência para a estilização. Os três movimentam a cabeça para trás, gesto mais evidente no símbolo de São Marcos que olha diretamente para Cristo. Membros da Corte Celeste, aludem à Salvação e conquista da vida Eterna pela fé no Redentor, ajustando-se ao princípio de "cruz gloriosa" ou triunfante mais conforme aos séculos anteriores.

A zona do cruzeiro é preenchida por um círculo também habitual, sobre o qual repousa o tronco do Cristo. Em termos decorativos, esta cruz distingue-se das suas congéneres por apresentar uma decoração mais comedida no verso, privilegiando as superfícies lisas e a ausência de motivos geométricos gravados.

A presença do crucificado atesta uma opção que se começa a impor no período românico, que procura valorizar a natureza humana do Cristo e o sentido sacrificial da Sua morte. O corpo esguio, rígido e frontal corresponde a uma peça inteira (com exceção dos antebraços), obtido certamente por fundição em molde, cravado com recurso a quatro cravos, de acordo com a tradição imposta pelas reflexões de São Cipriano, São Gregório de Tours e Bento XII. Os braços estão quebrados a partir dos cotovelos, faltando o antebraço esquerdo, mas o contorno de todo o corpo foi gravado na lâmina, tal como é recorrente nesta tipologia de peças. Iconograficamente, a imagem do Cristo obedece também a um modelo comum nesta cronologia: braços retos, pernas unidas, mãos e pés sobredimensionados, as primeiras com as palmas voltados para o exterior e os segundos inclinados para o lado. A faixa reticulada aos pés de Jesus, igualmente frequente, parece responder a uma solução abstratizante do supedâneo. O corpo desnudo reflete um esquematismo anatómico ao nível do peito, sendo as costelas evidenciadas por meio de linhas paralelas gravadas no metal, o umbigo devidamente assinalado através de um punção e os cotovelos pronunciados, embora os joelhos não sejam indicados. As preocupações decorativas manifestam-se no perizónio ou pano da





Anverso

Reverso

pureza, com a superfície decorada por faixas verticais de gramática geométrica. A maior atenção recai, no entanto, na cabeça do Salvador, frontal, com contornos do rosto demarcados, olhos aparentemente abertos, nariz largo e marcações verticais à volta da boca que pretendiam simular a barba. Os vestígios de douradura recordam a falta que esta faz na leitura visual e impactante da peça. A coroa, aberta e recortada, remete para o título "Rei dos Judeus" e é compatível, por isso, com a inscrição gravada aos pés da águia de São João e distribuída por quatro faixas, transcrita da seguinte forma por Barroca:

IH(esu)S : NA / ZAREN / VS : REX / IVDEOruM

O reverso da cruz é preenchido por rica decoração geométrica, evidenciando-se o elaborado *entrelac* do medalhão central e o friso entrançado que contorna toda a cruz, com ponteado contínuo, que perpetuam a tradição de gosto abstratizante da arte do norte da Europa, particularmente de origem irlandesa. Nas extremidades dos braços, o friso integra uma dupla palmeta cordiforme com folhagens enroladas, de longa tradição mediterrânea, reforçando a fusão de linguagens artísticas e o caráter agregador próprio da arte românica.

Tida como "bizantina" ou com decoração "mudéjar", as características formais e decorativas da cruz de Vila Nova de Paiva, de feição "arcaica" e rígida, contribuíram para o seu difícil enquadramento cronológico. João Soalheiro datou-a dos finais do século XI, aventando uma suposta origem pirenaica, atendendo às "obras rigorosamente iguais" que encontrou em "instituições da Catalunha", mas que não identifica. Varela Fernandes colocou-a na primeira metade do século XII, embora admita a possibilidade de ser mais tardia e Mário Barroca da segunda parte da mesma centúria. Na verdade, a peça adapta-se bem a todas estas sugestões e, atendendo à persistência do modelo, pode ser enquadrada num tempo de "longa duração", que se repete em muitos exemplares existentes em instituições portuguesas e forâneas.

Texto: ACS - Fotos: JNG

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 175; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 247 (da [Segunda metade do século XII]); BARROCA, M.J., 2017a, Insc. n.º 286 (do [século XII]); FERNANDES, C.V., 2016; IPM, 2003a, pp. 16 e 64-69; SOALHEIRO, J., *in* CRISTO FONTE DE ESPERANÇA, *s.v.* "Cruz processional", 2000, pp. 208-209; SOALHEIRO, J., 2009, pp. 160-163.